



SOBRE LUCIA HELENA

Ellen Spielmann

Universitaet Tübingen

“Era uma pessoa muito doce”

Surpresa e triste com a perda de Lucia Helena e muito honrada com o convite generoso de Regina Zilbermann e Glória Bordini para escrever algo sobre a nossa querida colega e amiga, procuro primeiro meus ex-alunos cariocas, que fizeram carreira acadêmica. Hoje somos colegas-amigos e zapeamos a vontade. “Escreva sim, querida, vai ficar lindo”, responde minha colega-amiga da UFF, depois que eu conto sobre meu primeiro encontro com Lucia Helena: “Sabes, ela era minha primeira professora carioca e imagine, ela me convidou para ir à sua casa no bairro do Leblon. Ela era uma pessoa muito bacana, muito doce. Deve ter sido em 1985, se não me engano. Consultei-a no decurso do meu estudo da literatura e crítica literária brasileira dos anos 1960-1980, assim como fiz com Regina Zilberman, Roberto Schwarz, Davi Arrigucci Jr., Marlyse Meyer entre outros. Depois encontrei-me com Lucia Helena sempre que estive no Rio, no Congresso da ABRALIC¹ por exemplo, e na casa de Ronaldo Lins em Santa Teresa,

¹ Foi o Congresso da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC), que teve lugar no Rio de Janeiro de 30/7/1996 a 02/08/1996.

acho que foi em 1998. Convidei-a, mais tarde, a escrever uma contribuição para meu livro sobre *L@s Rel@ções Cultur@les Entre @méric@ L@tin@ y Est@dos Unidos Después de l@ Guerr@ Frí@*. E graças a Deus ela aceitou. A última vez que encontrei Lucia Helena foi no Congresso da ABRALIC em Salvador, Bahia, no ano 2000”. No zap que vem, leio: “Prontinho, você já tem um roteiro.” E assim acontece.

Além disso pergunto a outro colega-amigo carioca, aluno e amigo do Ronaldo Lins sobre o encontro com Lucia Helena na casa do Ronaldo em Santa Teresa. “Acredito que nosso encontro em Santa Teresa deve ter ocorrido por volta de 1998, por ocasião de quando você esteve como professora visitante na UFRJ”, responde ele pelo zap e continua “Lucia Helena era uma pessoa muito doce. Bastante agradável”.

1985: Rio de Janeiro/Leblon – *Escrito do poder*

A Lucia Helena ouviu-me com atenção, gostou do corpo da pesquisa – Clarice Lispector, Jorge Amado, Antônio Callado, Darcy Ribeiro, Ignácio de Loyola Brandão – e da minha premissa da distinção entre discurso literário e discurso crítico, bem como a tese da crise da crítica literária e da necessidade de auto-reflexão. Não era de surpreender, porque eu estava a entrar em portas abertas, porque tanto no seu estudo sobre *O Romance Brasileiro de 1970-1980: Vias e Desvios* quanto no seu livro *Escrita e Poder* (1985) ela analisou e problematizou a tal crise e abriu caminhos para uma nova auto-compreensão. Apesar de todas as diferenças de abordagem, questões teóricas, metodológicas e práticas, Lucia Helena estava na altura do seu tempo em 1985, ao lado dos colegas do campo da crítica literária, menciono aqui Silviano Santiago com *Vale Quanto Pesa* (1982), Leyla Perrone Moisés com seu artigo “História literária e julgamento de valor” (1984)², Wilson Martins com *A Crítica Literária no Brasil* (1983), Flora Süssekind com *Literatura e Vida Literária* (1985), Roberto Schwarz, com *Que Horas São* (1987) e Luiz Costa Lima com seu ensaio “Crítica literária e modernidade” (1988)³. Confesso que, na altura como agora, a relação de Lucia Helena com o objeto

² Publicado em: *Colóquio Letras*, n. 77, 1984. p. 5-18.

³ Publicado em: *34 Letras*, n. 1, 1988. p. 60-75.

da sua investigação, e a forma como o aborda, me agradou muito. Prova disso são as suas palavras “AO LEITOR” da *Escrita e Poder*:

“Se de tudo fica um pouco”, neles não só está impressa a marca do tempo em que foram escritos, como também os rastros de uma história pessoal e profissional em que contei com a solidariedade de alunos, colegas e amigos. São, por isso, não só rastros do tempo, mas rostos do afeto. Diálogo proveitoso e honesto que mantive com aqueles amigos foi, sem dúvida, a base de muitas de minhas indagações e do empenho de clarificá-las, o que nem sempre consegui. Tudo isto leva-me a crer que a *escrita*, tantas vezes concebida em nossa cultura como símbolo de poder e de opressão, pode também ser vista como ato afetivo e social que resulta da convivência generosa.⁴

Lucia Helena ofereceu-me um exemplar do livro e escreveu-me uma dedicatória – “Para Ellen Spielmann, desejando-lhe sucesso no pedido ao DAAD, com o abraço da Lucia, Rio, 8/9/85” – e eu levei-o comigo para Berlim, onde ainda hoje ocupa um lugar de honra na minha estante de livros. O ensaio intitulado “Mimese, noção e crítica” ajudou-me bastante a escrever o estudo *Mimesis e o Valor Próprio*.⁵ *Crítica literária e ficções literárias no Brasil 1960-1990*. Encontrei nela uma interlocutora generosa e fascinante, aprendi muito muito com ela, fez-me avançar na reflexão sobre as relações entre literatura, sociedade e poder, para promover uma mudança de perspectiva e contrariar as hierarquias estabelecidas, por exemplo, cópia--original, periferia--centro, poder--opressão. Por fim, era necessário seguir um caminho diferente do que tratar dos efeitos do regime militar sobre a situação dos escritores (escrever sob censura, exílio), por um lado, e das reacções (por exemplo, romances de cunho político e a literatura sob a “abertura”, a literatura de memórias), por outro lado. As reflexões de Lucia Helena sobre o intelectual e a literatura também me deram impulsos muito frutuoso para compreender os passos da institucionalização da crítica literária, isto é, o desenvolvimento de uma cultura de profissionalismo que transforme os intelectuais de mandarins em especialistas.

Lucia Helena na terra de Tio Sam

⁴ Helena, Lucia. *Escrita e poder*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Catedra, 1985. p. 11.

⁵ O título é emprestado do ensaio de Raduan Nassar, publicado em: Meyer-Clason, Curt (Ed.). *Lateinamerikaner über Europa*. Frankfurt: Suhrkamp, 1987. p. 168-177.

Entre 1988 e 1996 não houve nenhum contato direto entre nós duas. Nada surpreendente, Lucia Helena andava, estudava e lecionava nos Estados Unidos de 1988 a 1994. Lembremo-nos que os trabalhos da Constituinte (Assembleia Nacional Constituinte) foram encerrados em 22 de setembro de 1988 - após 21 anos sob a ditadura militar. Brasileiros e brasileiras esperavam ansiosamente por votar na primeira eleição permitida para a escolha do presidente nacional em 1989. Antes, em 1984, houve a ressaca da reprovação da proposta das Diretas, e a frustração com o Colégio Eleitoral, seguida da morte trágica de Tancredo Neves, que foi substituído por Ulysses Guimarães (seu vice). Ele, muito sábio, apontou o dedo a José Sarney para assumir o cargo do presidente da Câmara e com isso garantiu o processo da democratização a seguir.

Neste cenário, Lucia Helena iniciou o seu percurso. Passou a primeira etapa da sua estadia em Rochester, up state New York, e a segunda na Brown University como professora visitante, seguindo depois para Miami e New México, agora já como professora contratada. A estadia não foi contínua, ela voltou ao Brasil nesse meio-tempo. A meu convite, Lucia Helena escreveu um pequeno ensaio maravilhoso sobre as suas experiências no mundo acadêmico norte-americano, no final da década de 1980 e início da década de 1990. O ensaio, intitulado “A experiência do limite: uma brasileira na terra de Tio Sam”,⁶ é uma pequena jóia no livro que compilei sobre as relações culturais entre a América Latina e os EUA após o fim da guerra fria (2000). Pois suas experiências institucionais, muito pessoais e ao mesmo tempo profissionais, contribuem diretamente para a situação de reviravolta após a queda do Muro de Berlim em novembro de 1989 e para a nova situação do continente americano na década de 1990.⁷

⁶ Publicado em: Spielmann, Ellen (Comp.). *L@s Rel@ciones Cultur@les entre @méric@ L@tin@ y Est@dos Unidos después de l@ Guerr@ frí@*. Berlin: Wissenschaftlicher Verlag, 2000. p. 119-122. Duas outras colegas nossas também colaboraram: Beatriz Resende escreveu o ensaio “Afina!l, que colonizou quem?” e Luiza Lobo contribuiu com suas reflexões sobre a experiência nos Estados Unidos no texto intitulado, “USA y América Latina; Viajes y abandono”, idem. p. 123-124 e 116-118.

⁷ Na introdução do livro “El estado de la cuestión” escrevo: “En cuanto al continente americano se refiere, en la década de los noventa el objetivo de la política de control de los Estados Unidos hacia América Latina dejó de ser el mantenimiento del orden imperante. [...] Los propósitos del libro son servir de archivo documentador e intervenir en el debate. Se propone documentar, dejando el uso de la palabra a sus protagonistas y gestores, los cambios que han tenido y vienen teniendo lugar en el terreno de lo cultural y quiere de esa manera contribuir a definir una nueva agenda en materia de debate cultural interamericano”. Cf. Spielmann, Ellen (Comp.). *L@s Rel@ciones Cultur@les entre @méric@*

Lucia Helena inicia sua “experiência do limite” da seguinte maneira:

Em 14 de setembro de 1988, desembarquei no aeroporto *J. F. Kennedy*, em New York, com destino a uma cidadezinha localizada, como dizem os americanos, *up state New York*, denominada Rochester. Jamais havia estado no país e decidira fazer meu pós-doutorado em Literatura Comparada, na University of Rochester, atraída pelos estudos em Narratologia, Literatura Comparada e Feminismo, conduzidos por uma brilhante holandesa, Mieke Bal, que só conhecia através de seus textos.⁸

Sem dúvida Lucia Helena refere-se ao livro *Narratology: Introduction to the Theory of Narrative* (1985), aquela introdução estupenda ao estudo sistemática da narrativa, que Mieke Bal, embora se baseie numa teoria árida, isto é, o estruturalismo, consegue oferecer uma ferramenta capaz de produzir resultados analiticamente precisos e significativos. Outros textos que Lucia Helena deve ter consultado, são os estudos feministas avançados de Mieke Bal: *Lethal Love: Feminist Literary Readings of Biblical Love Stories* (1987) e *Murder and Difference: Gender, Genre and Scholarship on Sisera's Death* (1988). Lucia Helena era bolsista do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) financiado pelo governo brasileiro. Ela embarcou em setembro de 1988 “com entusiasmo, competência na matéria, mas um secreto medo no coração, pela viagem em direção ao desconhecido”⁹. E logo ocorreu o primeiro problema na viagem: uma intempérie. O aeroporto J. F. Kennedy fechou por seis horas por causa de violenta tempestade e por desgraça as maquininhas na parte do desembarque do aeroporto só aceitavam notas de um dólar e não havia troco em lugar nenhum. A marinheira da primeira viagem ficou “com fome e sede por muitas horas, até que um simpático norte-americano, vindo do Havaí – em shorts e camisa estampada, apesar do frio e da chuva torrencial – ofereceu-me um chá. Este foi o primeiro de muitos gestos generosos que recebi dos ‘gringos’”.¹⁰

Durante a sua estadia de três meses na neve e no gelo em Rochester, Lucia Helena teve a infeliz experiência de que o português - essa “língua do túmulo”, como dizia Vilém Flusser, aquele imigrante checo-plurilíngue, quando teve muita dificuldade em

L@tin@ y Est@dos Unidos después de l@ Guerr@ frí@. Berlin: Wissenschaftlicher Verlag, 2000. p. 9-32, aquí, p. 9, 13-14.

⁸ Helena, Lucia, 2000, p. 119.

⁹ Ibid.

¹⁰ Ibid.

publicar sua obra fora do Brasil¹¹ - não era compreendida nem falada por ninguém no Departamento de Linguística e Línguas Estrangeiras. O dilema é grande, porque, como sublinha Flusser em “A língua brasileira”, o português falado no Brasil, devido às contribuições indígenas, africanas e dos imigrantes de diversos outros países, resulta em uma língua plástica e bastante predestinada à criação literária e poética.¹² Apesar desta situação particular em Rochester, para Lucia Helena o trabalho com alunos e professores, mesmo que nada da literatura brasileira pudesse ser lido no original, foi uma experiência muito excitante e enriquecedora. O ponto alto do seu primeiro encontro acadêmico nos EUA aconteceu poucas semanas depois da sua chegada, quando ela deu, em dezembro de 1988, uma palestra sobre literatura brasileira, centrada em Clarice Lispector, sobre quem publicava desde os anos 1970.¹³ Retrospectivamente em 2000, Lucia Helena comenta o cenário no Departamento de Linguística e Línguas Estrangeiras em Rochester assim: “Havia, no ar, a magia que a ficção de Clarice Lispector, lida pelos alunos e professores em tradução – despertava. Era interessante perceber, ao vivo, a universalidade de que goza a literatura, ultrapassando os limites da nacionalidade”.¹⁴

Em janeiro de 1989, Lúcia Helena desloca-se para a Brown University, ao Center for Portuguese and Brazilian Studies, que se tornou depois o Department of Portuguese and Brazilian Studies, isto é, toda uma nova e outra convivência com especialistas em literatura brasileira e ademais com uma grande comunidade portuguesa. No Diretor do Centro, Nelson H. Vieira, norte-americano, filho de açorianos, ela encontrou um “patrono e protetor”:

Nelson foi um interlocutor fascinante e generoso, é um amigo a que devo muitíssimo. Através dele, integrei-me aos trabalhos do Centro, fiz palestras, conversei com alunos, debati e aprendi

¹¹ Flusser disse isso numa conversa telefônica que a cineasta e antiga aluna Suzana Amaral e eu tivemos com ele a partir de Berlim, a propósito do nosso projeto de transcrever e publicar os discursos do professor durante os anos 1960 em São Paulo, gravados por Amaral. A conversa ocorreu dois dias antes do seu acidente de carro fatal em 27 de novembro de 1991.

¹² Cf. Flusser, Vilém. *Bodenlos: uma autobiografia filosófica*. São Paulo: Annablume, 2007. p. 67-85.

¹³ Menciono aqui “A narrativa dinâmica de Clarice Lispector”, publicado em: *O Estado de São Paulo*, Suplemento Literário, 11/08/1974; “Clarice Lispector: A função desalienante da sua criação literária”, publicado em: *Encontros com a Civilização Brasileira*, n. 5, nov./1978. p. 193-200.

¹⁴ Helena, Lucia, 2000, p. 119.

multíssimo na aventura de inter-linguística e interhumana que são os estudos de literatura brasileira naquele país¹⁵

Em “A experiência do limite; uma brasileira na terra de Tio Sam”, Lucia Helena aborda um fenómeno extremamente interessante dos imigrantes lusófonos nos EUA: a prática linguística do portunhol, paralela ao Spanglish dos Hispanics ou Latinos. A questão “cross-language” esteve no centro do debate académico e público nos anos 90 e está presente em *L@s Rel@ciones Cultur@les entre @méric@ L@tin@ y Est@dos Unidos después de l@ Guerr@ frí@*. Na introdução, escrevo: “Desde una perspectiva antropológica se ha podido establecer una alta correlación entre ‘pertenencia étnica’, área de residencia, pertenencia-extradicción de clase, y educación y habilidades lingüísticas”.¹⁶ São precisamente estas categorias e seu relacionamento entre si, que Lucia Helena utiliza para descrever e analisar a comunidade dos portugueses em Brown. Diz ela:

Conheci, naquela área, nordeste do país, uma comunidade de portugueses, em sua maioria de origem açoriana, que mantém viva, fora de Portugal, a língua e a cultura de origem, Morava numa *scholar house* onde trabalham senhoras portuguesas, semi-letradas, imigrantes dedicadas a construir, fora da terra de origem, a miragem do futuro. Uma delas, de quem fiquei amiga, me disse um dia que ia aprender a ‘dirivar’. No hibridismo dos mundos abandonados e do mundo novo, idealizado, aquelas pessoas misturam também as línguas, conjugando o verbo *to drive*, dirigir, como se ele pertencesse à primeira conjugação dos verbos da língua portuguesa. Daí, *drive* + ar = dirivar, forma inexistente, mas única legítima naquele rincão de mundo, a identificar a transformação por que passava aquela mulher. Eu me incorporava.¹⁷

Com esta atitude e este entendimento, Lucia Helena opõe-se ao que outros latino-americanos no campo académico articulam com o medo de viver numa *Babel of hybrid tongues*. Refiro-me ao caso do artigo conservador, publicado no *New York Times* (28/03/1997) com o título divertido (escolhido pelo editor), “¿Kay Possa?! Is ‘Spanglish’ a Language?”, escrito pelo professor catedrático da Yale University de origem cubana, Roberto Gonzáles Echevarría, que cito na minha introdução do já mencionado livro:

Hispanics should learn English and proper Spanish [...] The sad reality is that Spanish is primary the language of the poor Hispanics, many barely literate in either language. They incorporate English words and constructions into their daily speech because they lack the vocabulary and education in Spanish to adapt to the changing culture around them.¹⁸

Sem dúvida, Lucia Helena não teme o contacto com os imigrantes pobres, com a sua cultura desenvolvida e praticada num país estrangeiro, pelo contrário, ela se integra

¹⁵ Ibid. p. 120.

¹⁶ Spielmann, Ellen, 2000, p. 20.

¹⁷ Helena, Lucia 2000, p. 120.

¹⁸ Cf. Spielmann, Ellen 2000, p. 21.

e reflete sobre o estatuto, a vida e as experiências dos migrantes e extrai conhecimento e consciência dos problemas do encontro, da alteridade e da troca. Escreve ela:

A experiência de migrante provisória, que vivi e ainda vivo na memória, deu-me a dimensão do não absoluto das perspectivas e de quanta tolerância se adquire na troca entre o ‘meu’ e o ‘seu’, forma de habitar o intervalo (humano, político, intelectual, afetivo) que é viver no exterior. Viver como quem ocupa lugar intermédio, nem lá, nem cá, dimensão criada pela articulação temporal e espacial de memória, esquecimento e tentativa de compreender a movência do sentido. Sensação de movência interna e externa de quem, partindo do ‘torrão natal’ experimenta a profunda instabilidade do ser, alargando as porteiras do mundo e do coração”.¹⁹

Passou de investigadora e professora visitante a professora com contrato fixo graças a Nelson Vieira, que a apoiou com uma carta de recomendação na sua candidatura no grande “job market” do MLA (Modern Language Association) – “chamado ‘mercado de escravos brancos’”²⁰ para entrar no programa de Brazilian Studies do Department of Foreign Languages da Universidade de Miami. Trabalhando no dia-a-dia de professora de Língua e Literatura Brasileira, numa “joint venture” com o Latin-America and Caribbean Center (de agosto 1989 a janeiro de 1991), ela não deve ter circulado muito no âmbito dos shopping centers de Miami - alias o mais poderoso polo mass-midiático da América Latina. Representantes da classe média do Rio de Janeiro, São Paulo e Buenos Aires viajavam felizes a shoppear em Miami, identificando a cidade como a capital da América Latina desde a década dos 1970. Shoppear, o verbo do portunhol ou do Spanglish pertenceu ao vocabulário dos viajantes cariocas, paulistas e porteños.²¹

Lucia Helena teve outra experiência diferente, muito positiva, de alteridade no início da década de 1990 nos EUA. Diz ela:

Durante outro curto período, tendo nesse meio-tempo regressado ao Brasil, vivi e trabalhei em New Mexico, na University of New Mexico, por convite do meu querido amigo Jon Tolman, outro ser humano de generosidade invulgar. Naquele estado fascinante, contactei com culturas indígenas de origem mexicana e com alunos de várias nacionalidades, que formaram comigo uma comunidade surpreendente pelo afeto e carinho que se estabeleceu entre nós, para além das atividades intelectuais que foram, aí também, muito bem sucedidas.²²

¹⁹ Helena, Lucia, 2000, p. 120.

²⁰ Ibid., p. 121.

²¹ Cf. Spielmann, Ellen, 2000, p. 23.

²² Cf. Helena, Lucia, 2000, p.121.

Mas Lucia Helena não seria Lucia Helena sem uma análise precisa de cunho histórico e sem um diagnóstico exato do estado das coisas, isto é, das hierarquias estabelecidas e contínuas entre o Norte e o Sul, com todas as suas consequências e a necessidade de muitos esforços para ter uma perspectiva de mudanças no futuro. As palavras-chaves aqui são o “conhecimento da dominação”, o “princípio de controle político institucionalizado”, “a atribuição do exótico aos países latino-americanos” e, por último, mas não menos importante, a “continuidade da afirmação dos interesses hegemônicos” por parte do Big Brother ou Tio Sam.

No parágrafo de conclusão de “A experiência do limite; uma brasileira na terra de Tio Sam” lemos:

Ensinar Português e Literatura Brasileira, nos Estados Unidos, é, contudo, viver num gueto, afastado da esfera do saber dominante. Um ensino dominado por dois tipos principais de interesses: o político-governamental (oculto), que dirigia estratégias de controle, e outros, de busca do exótico, por parte dos que gostavam de futebol, ‘lambada’, feijoada.²³ Enfim, em linguagem de Oswald de Andrade, pelos atraídos pela ‘América do Sul, sal, sol’. O interesse político vinculava-se, na década de setenta, quando este ensino se expandiu, à tentativa de não perder a América Latina para o ‘outro lado’ da Guerra Fria. Outro tanto do interesse ligava-se ao volume da imigração portuguesa (a Ilha dos Açores, por exemplo, serviria de base avançada para o lançamento de mísseis, caso necessário...) e, agora, brasileira, para o país.”²⁴

Lucia Helena de retorno ao Brasil em 1994

Dois anos depois da volta de Lucia Helena ao Brasil – em 1994 ela entrou, por concurso público, na Universidade Federal Fluminense (UFF) como Professora Titular do Instituto de Letras – tive o grande prazer encontrá-la durante o Congresso da ABRALIC no Rio de Janeiro, que teve lugar no antigo Campus da Praia Vermelha no bairro Urca de 30 de julho a 2 de agosto de 1996. Lembro da cerimônia de inauguração do Congresso no Palácio Universitário da Universidade Federal do Rio de

²³ Relativamente às atribuições exóticas, escrevo na Introdução do estudo mencionado: “Sin embargo el Brasil, más precisamente un Brasil estereotipado que también es real, el ‘Crazy Brazil’, está presente de otras maneras al nivel del *lifestyle* en los Estados Unidos: ‘Crazy for Brazil’ fue uno de los eventos destacados del *Carnaval 2.000* en New York. También Brasil está presente con una colección de los ‘top sellers’ de la músicaailable con el título ‘Brasileiro’, con las modelos brasileñas en las colecciones de Ralph Lauren y Jean Paul Gauthier, en las páginas de las revistas de moda *Vogue*, *Elle*, y *Cosmopolitan*. Inclusive los jóvenes diseñadores brasileños, entre ellos, Jonathan Adler, presentaron sus productos a comienzo del febrero de 2.000 en New York”. Cf. Spielmann, Ellen, 2000, p. 19.

²⁴ Helena, Lucia, 2000, p. 121.

Janeiro (UFRJ), o antigo Hospício Pedro II, construído em 1852 no estilo greco-romano e tombado em 1972 pelo IPHAN. O local tem um significado simbólico, porque, durante a ditadura militar, os estudantes e professores manifestaram sua resistência ao regime até a invasão pelos militares no segundo ano do golpe. Em 1998, ocorreu o feliz encontro carioca na casa de Ronaldo Lins em Santa Teresa, e, em 2000, o nosso último encontro pessoal durante o Congresso da ABRALIC em Salvador, Bahia. Este VII Congresso, sob a presidência de Evelina Hoisel (UFBA), aconteceu no contexto das comemorações dos 500 anos do Brasil e assim era óbvio que finalmente os estudos pós-coloniais no Brasil e na América Latina acabariam por ser consagrados. O passo manifestou-se pelo convite à representante celebrada das teorias pós-coloniais, Gayatri Spivak. Por suposto, assisti a conferência ministrada pela Lucia Helena intitulada “A vocação pelo abismo: errância e labilidade em Clarice Lispector” e ela, muito gentil, assistiu a minha, intitulada: “‘Alteridade’ desde Sartre até Bhabha: um surfe para a história do conceito”. Ambas as apresentações foram selecionadas e publicadas na *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, n. 5, em julho de 2000.²⁵

Novas leituras de Clarice Lispector no final dos anos 1990

Ao finalizar minha homenagem a Lucia Helena, gostaria de enfatizar sua notável contribuição para a pesquisa sobre Clarice Lispector, usando o exemplo de seu livro *Nem Musa, nem Medusa: Itinerários da escrita em Clarice Lispector* (1997). A seguir baseio-me no meu ensaio "Clarice Lispector - finalmente no começo" (2004)²⁶, que escrevi com recurso a minhas leituras anteriores de Clarice Lispector (1985-1994).

Perguntava-me na época: O que é Clarice Lispector para a crítica brasileira hoje? Um clássico moderno? Autora nacional? Fundadora da escrita feminina? Três leituras de textos serviram-me de exemplo. Em 1999, Regina Pontieri publicou o estudo *Clarice Lispector: Uma poética do olhar*, Neiva Pitta Kadota publicou sua tese na Universidade de São Paulo em 1997: *A Tessitura Dissimulada: O social em Clarice Lispector*. Esse é um trabalho da escola de Antonio Cândido, escola que nesta época já

²⁵ Respectivamente, p. 179-190 e 19-28.

²⁶ Cf. Spielmann, Ellen. Clarice Lispector – endlich am Anfang. In: Spielmann, Ellen. *Der Blick des Axolote. Kultur- und literaturtheoretische Essays: Lateinamerika, Spanien und Portugal*. Berlin: Wissenschaftlicher Verlag, 2004. p.265-278.

estava na quarta geração. E é fácil constatar que, salvo raras exceções, o dogmatismo que não existia com Cândido aumenta a cada geração. A tentativa de fazer justiça ao grande mestre, de o imitar à letra, conduziu e conduz ainda muitas vezes a um beco-sem-saída. Diante da intuição e da capacidade dele de recorrer a muitas fontes e disciplinas diferentes, seus adeptos carecem completamente dessa capacidade e da sua generosidade de espírito. O que chama a atenção em ambos os estudos é, por um lado, o enquadramento explicitamente nacional -- Clarice Lispector como autora moderna ou vanguardista que contribui para a renovação da literatura nacional -- e, por outro lado, o paradigma da literatura mundial e cânone. Ambas as leituras enfocam os primeiros textos da década de 1940.

O capítulo central da análise textual de Pitta Kadota do primeiro romance *Perto do Coração Selvagem* intitula-se “Um olhar percuciente”. Aqui Clarice é colocada ao lado dos grandes autores da literatura mundial. Na etapa seguinte, são elencados os críticos mais importantes da primeira hora, Antonio Cândido e especialmente Benedito Nunes, e por fim são elencados os autores canonizados da modernidade:

Clarice Lispector, como James Joyce, como Virginia Woolf, se propôs a busca introspectiva, através de “insights” luminosos, ou de uma escritura pontilhada de minúsculos incidentes descontínuos (...) por mais representativos que se mostrem a um primeiro olhar. É Benedito Nunes quem comenta sobre *Perto do Coração Selvagem* (...) Assim, já em sua primeira obra, Clarice (...) traduzindo singularmente os movimentos iniciados na Europa e que haviam encontrados repercussão em muitos de nossos escritores, entre eles Oswald de Andrade e Mário de Andrade e Guimarães Rosa.²⁷

A crítica se inscreve na série de leituras brasileiras dos anos 1990, da escola de Cândido, que tem como foco a busca por momentos socialmente críticos e politicamente comprometidos nos textos de Clarice Lispector. Esses momentos vão ser encontrados principalmente na última história contada pela autora em *A Hora da Estrela* (1977). É mérito de Pitta Kadota que, em sua análise do social, ela sabe conectá-la com o estilo de escrita; ela mostra que o “social” não só se torna relevante no último conto de Lispector, mas já está presente no primeiro romance.

Em *Clarice Lispector: Uma poética do olhar* (1999), Regina Pontieri também se concentra nos primeiros textos, especialmente no terceiro romance *A Cidade Sitiada* (1949). O que interessa muito é que Pontieri lê os romances no contexto de outras

²⁷ Kadota, Pitta. *A tessitura dissimulada. O social em Clarice Lispector* São Paulo: Estação Liberdade, 1997. p. 77

manifestações literárias, cartas, crônicas da época e comentários da autora sobre esse período. Dessa forma, com a inclusão de metatextos, é possível afrouxar o estreito espalho das abordagens de estudos literários que analisam obras individuais isoladamente. Sua leitura passa do conceito de texto ao conceito de discurso. Com o novo espaço de análise dos procedimentos intertextuais, Pontieri chega a afirmações diferenciadas sobre a poética e a reflexões complexas sobre o fenomenológico em Clarice Lispector. Além disso, Pontieri evita cair nas armadilhas de uma leitura biográfica que explica a obra através da biografia e vice-versa.

Ambas as leituras excluem completamente as prescrições da crítica feminista em vez de se apoiarem nos passos importantes e produtivos de tais obras. Ou será que as questões de gênero têm de ser excluídas na reapropriação de um autor “nacional”? A situação é diferente com o estudo *Nem Musa, nem Medusa: Itinerários da escrita em Clarice Lispector* (1997), de Lucia Helena, obra criada para a obtenção do título de Livre-Docência pela Universidade Federal Fluminense. O título já aponta para a mudança do problema “clássico” no trato com a autora e sua escrita. Aqui as questões da identidade ou não-identidade, das formas de representação e articulação do sujeito da escrita estão novamente em debate. São apresentadas na perspectiva de hoje, ou seja, a leitura é marcada como uma revisão. Devem ser sublinhadas duas premissas cruciais da tentativa bem-sucedida de colocar Clarice Lispector no mapa literário: a reflexão em nível filosófico combinada com a reflexão sobre a constituição do sujeito feminino. A primeira afirmação de Lucia Helena é:

Desde o início de sua carreira, a escrita criativa de Lispector está comprometida com a exploração de questões filosóficas: a possibilidade de uma economia textual alternativa, relacionada ao caráter corpóreo da textualidade e ao papel do corpo na sociologia do mundo.²⁸

A segunda afirmação está vinculada à primeira:

Lispector tece com eles (os temas filosóficos E.S.) uma reflexão que discute a inscrição do sujeito na história, tomando a figuração do feminino (...) Articulada à discussão da emergência do sujeito feminino como Sujeito da história, há igualmente em Lispector uma revisão tanto de conceitos de sujeito e de razão, quanto da inscrição do sujeito na história.²⁹

²⁸ Helena, Lucia. *Nem musa, nem Medusa: Itinerários da escrita em Clarice Lispector*. Niterói/RJ: Editora da Universidade Federal Fluminense, 1997. p. 26

²⁹ Ibid., p. 27.

No capítulo final central, "O feminino segundo Lispector", Lúcia Helena mostra quão frutífero pode ser tratar de e referir-se aos debates internacionais -- neste caso o debate feminista:

Talvez não se deva afirmar, com Hélène Cixous, que a escrita em Lispector é um exemplo da *écriture féminine*. Mas pode-se afirmar que o seu texto promove uma emergência e inscrição do sujeito feminino na história através de agudíssima crítica, feita pela autora, do sistema de *genderização* da cultura.³⁰

Lucia Helena demonstra como Clarice Lispector usa vozes femininas e usa o corpo e assim descentraliza e questiona a construção do sujeito uniformemente ocidental.

Ellen Spielmann é Doutora pela Freie Universitaet Berlin (1996). Atualmente é. Professora Convidada na Universidade de Tübingen. Foi Professora Visitante na Faculdade de Letras da UFRJ. Seu campo de investigação inclui Culturas Latino-Americanas, Processos de Apropriação Cultural, História Institucional e História das Ciências e Processos de Transformação Cultural,.É também pesquisadora afiliada do Instituto Hannah Arendt, Dresden.

³⁰ Ibid., p. 99.